

A surreal black and white illustration of a cityscape. Buildings are shown in various states of collapse and disintegration. Numerous small, dark, human-like figures are depicted falling from the structures and floating in the air. The scene is set against a background of a grid-like pattern, possibly representing a sky or a map. The overall tone is one of chaos and destruction.

CCB

15 A 19 OUT 25

TEATRO O BANDO

AGUSTINÓPOLIS

TEATRO-ÓPERA

ATRIZ E ATOR.

ARTISTAS VOL. III

**PRESENÇA E MOBILIDADE
IMPERCÉPTIVEL**

LANÇAMENTO DE LIVRO

Projeto *liberaLinda*

EXPOSIÇÃO

SOBRE A OBRA

DE AGUSTINA

CONFERÊNCIA

Ilustração © Maria Taborda

**ARTES
PERFORMATIVAS**

EXPOSIÇÃO 26

Projeto *liberaLinda*

15 A 19 OUT

Foyer do Grande Auditório (Piso 2)

Praça CCB

LANÇAMENTO DE LIVRO 31

ATRIZ E ATOR. ARTISTAS VOL. III – PRESENÇA E MOBILIDADE IMPERCEPTÍVEL 15 OUT

Foyer do Grande Auditório (Piso 2)

TEATRO-ÓPERA 8

AGUSTINÓPOLIS

17 A 19 OUT

Grande Auditório

CONFERÊNCIA 34

SOBRE A OBRA DE AGUSTINA

18 OUT

Foyer do Grande Auditório (Piso 2)

CONTRIBUTOS

Teatro O Bando 4

Catarina Fernandes 11

Mónica Baldaque 12

**Maria João Reynaud e
João Luiz 14**

Dora Sales 16

Miguel Jesus 17

Francisco Teixeira 18

Jorge Salgueiro 20

Iolanda Rodrigues 21

Susana Mateus 31

BIOGRAFIAS 36

ELENCO AGUSTINÓPOLIS 40



TEATRO BANDO



Associação Artística
Vimaranesse





Ao longe, um rouxinol canta na encosta.

Uma raposa aparece na noite e os seus olhos brilham na escuridão. Traz consigo medo e curiosidade. Entra em cena com a vontade contraditória de fugir e de se aproximar.

Como um animal selvagem, nós arriscamos. Construímos uma paisagem de pessoas. As que ficaram, as que já se foram, as que ainda estão para vir; as que existem dentro de nós, dentro dos textos, nas imagens. Atravessámos 25 anos, duas vezes, e olhamos para os últimos 50 anos como quem olha o horizonte: um caminho em frente que parece não acabar.

Apostámos no impossível e fizemos dele o nosso mote – 50 vezes utópico, inalcançável, inatingível. E de alguma forma chegámos aqui. Olhamos para o passado como forma de imaginar o futuro. Encontrámos na memória um arquivo do que está por vir, por fazer, por pensar, por criar, por experimentar.

E o amanhã? 51 anos volvidos, depois de tudo ter começado, regressamos à base. Olhamos para as pessoas, relemos os textos, repensamos os gestos repetidos centenas de vezes, os rituais partilhados, os momentos à volta da mesa, debaixo da figueira, na encosta, na serra, na tenda, nas árvores, nos caminhos traçados e percorridos.

Sentimos concretamente.

Também conhecemos o medo, como aquela passeante noturna, a tal raposa, mas temos mais vontade que receio. E mais curiosidade ainda, mais inquietação ainda.

Aqui a agitação é teatral

Desde os primórdios, a humanidade dialoga com as suas sombras, projetando sonhos e medos, criando narrativas intemporais. O Teatro nasceu desse impulso ancestral, transformando gestos e sons em expressões vivas da condição humana; é uma arte milenar que atravessou tempos de guerra e paz, liberdade e opressão, ditaduras e revoluções.

Nestes 51 anos celebramos a arte de contar histórias. Desde 1974 que o nosso Teatro – a pequeníssima parte que ocupamos na linha do tempo desta Arte – se empenha coletivamente em contribuir para a emancipação do sentido crítico e da capacidade de imaginar, representar e comunicar emoções, através da abstração e simbolismo teatral. Desejamos continuar a alimentar e a confrontar sensibilidades. É felizmente incontável o que cada um

preserva na memória. A memória de palavras, de imagens, de situações teatrais instala-se sem pedir licença a quem a abriga e constitui-se como um reduto de liberdade. Bem sabemos que as sensações também podem entorpecer o nosso pensamento, mas parece-nos que a única maneira de adquirir uma mais perspicaz sabedoria é não obstruir a nossa capacidade de sentir.

Completamos 51 anos de vida como grupo de Teatro e não os podemos dissociar da celebração dos 50 anos da Revolução de Abril, que está na nossa génese. Nascemos com a vontade de partilhar a criação teatral e potenciar a fruição artística, levando os nossos espetáculos pelo país fora, ao encontro dos anseios de um povo que se emancipava política e culturalmente. De norte a sul, nas ruas, nas fábricas, nos campos e nos quartéis, mas também em casas do povo, escolas e teatros improvisados, naqueles anos de 1974 e 1975, apropriámo-nos do futuro. Estivemos nas manifestações e nas assembleias, debatemos, reivindicámos e propusemos. Sentimo-nos parte da revolução.

Porque a agitação também é teatral, continuamos a contar histórias não só para compreender, mas para agitar. Continuamos convictos de que a beleza transforma e que o Teatro é um refúgio, um território do impossível, onde a imaginação e o sonho resistem.

O que fazemos transcende o que pensamos.

Territórios, geografias, cartografias. Paisagens, interiores e exteriores. Experimentação. Recuperação. Arrumação. Encontros. Portas fechadas e abertas. Janelas que não abrem mais, outras que ficam na mão penduradas. Portadas que não fecham. Ventanias que contam histórias. Fantasmas que apagam a luz e empurram o corpo para a ação.

A lareira acesa e as flores que invadem. As oliveiras, os marmelos, o lago e a figueira maldita. Máquinas de Cena plantadas pela encosta que fazem conjunto com as pegadas de dinossauros e com os fósseis das criaturas que aqui nadavam, quando o mar ainda cá chegava.

Habitamos uma quinta em Vale dos Barris, Palmela. Afastámo-nos da grande cidade para com maior clareza e pertinência, apontar o nosso olhar sobre o hipnótico movimento do formigueiro. Temos vindo a desenvolver conhecimento, prática e convicção sobre a metodologia coletivista da Criação Teatral. No futuro, o que se pode manter é o pressuposto da obtenção de obras mais inesperadas e singulares. As obras são reconhecíveis porque a liderança artística se revê na dimensão transpessoal dos seus resultados, e não por se consubstanciar em variantes de um mesmo estilo que se repete.

Poderíamos dizer que são singulares os territórios que cheiram a serradura, a pocilga, a desinfetante, à humidade das ervas, o sabão, a engação fermentado. Por associação, as sensações fazem-nos viajar no tempo, cruzam-se com imagens. Uma luz pode ter cheiro, um aroma pode revelar uma imagem, as palavras podem ser tudo. O desconforto pode ser estímulo criativo. Reconhecemos as árvores pelos seus frutos e não pelas suas raízes.

O latir dos cães, o vento, a lua, as sombras do arvoredado, a escuridão do monte, a luz dos pirilampos e o coaxar das rãs, o braseiro que esquentas as faces dos que estão mais perto são outros tantos ingredientes de uma cenografia transbordante que ultrapassa a zona de representação e se espalha pela plateia. O público é entendido como uma pequena comunidade que, ao partilhar instantes irrepetíveis, exercita uma fugaz utopia. Quando acontece que uma transversal emoção perturba e inquieta os mais novos e os mais velhos – os doutores e os operários, ou os funcionários públicos, as mulheres e os homens que são de cá ou que são de fora –, o Teatro está a contribuir para uma atitude de emancipadora cidadania.

A utopia teatral é uma sensação concreta

Face a todos os desafios, o Teatro persiste, reinventando-se a cada nova cena, a cada nova voz que se ergue para dar vida às histórias que moldam o nosso entendimento do mundo.

Procuramos uma refletida implicação política, estética, sensorial, compreendendo, ao mesmo tempo, que nem tudo é passível de ser explicado e que a parte incompreensível é aquela que mais facilmente se cola misteriosamente na memória. Perseguimos uma irrequieta quimera que nunca está no mesmo sítio. Estamos empenhados numa interação com os outros que compatibilize sensibilidade e racionalidade, porque também somos aquilo que os outros foram fazendo de nós e sabemos que esta, agora, aqui, é apenas uma estação de uma longa caminhada, na demanda dessa utopia que é a nossa forma de resistência e maneira de viver.

O Teatro começa muito antes do espetáculo, começa nas palavras que partilhamos, começa na ideia, numa vontade desenfreada. Começa na maneira como recebemos o público, na forma como encontramos aquilo que é comum, na aceitação do erro e da dúvida, nas palavras que escolhemos para combater o pessimismo e a desesperança, para combater a sensação de que nada vale a pena. E o que é importante, o que faz a diferença, fica inscrito em nós, tem memória; vive no nosso corpo e transborda para o nosso gesto, para esta revolução que é ESTARMOS JUNTOS.

É neste território de cruzamento, encontro e partilha, que abrimos a porta aos vizinhos e às comunidades que nos circundam, aos públicos das mais diversas idades e nacionalidades, aos profissionais e amadores de Teatro que nos seguem e a todos os que, à frente da nossa salamandra ou debaixo da nossa figueira, querem connosco procurar a sempre intermitente felicidade.

TEATRO O BANDO, A PARTIR DE TEXTOS DE JOÃO BRITES E MARIA TABORDA

A **Associação Setúbal Voz** é um projeto artístico com base no canto lírico e na arte contemporânea. É caracterizado pela busca de identidade, na elaboração de novas criações artísticas e na relação com as artes e artistas contemporâneos. Tem quatro pilares: **Coro Setúbal Voz**, **Ateliê de Ópera de Setúbal**, **Ateliê de Musicais para Jovens** e a **Companhia de Ópera de Setúbal**.

É uma organização sem fins lucrativos da qual foram presidentes da direção Rui Águas Trindade, Manuela Palma Rodrigues e atualmente Adalberto Borges Petinga; da mesa da assembleia geral Raul Melo e atualmente Filomena Murtinheira; Gisela Sequeira foi diretora artística até outubro de 2017 e, desde então, é um cargo ocupado por Jorge Salgueiro. Em 2022 recebeu apoio da Direção-Geral das Artes para a produção da ópera *CARMEN*, de Bizet, com a comunidade cigana de Setúbal, e para o biénio 2023/2024 com o projeto *TETRALOGIA OPERÁTICA SOBRE QUATRO CONSTITUIÇÕES PORTUGUESAS*. Este projeto mereceu o Alto Patrocínio do Presidente da República e da Assembleia da República em 2023. Em 2024 a Associação Setúbal Voz foi condecorada com a Medalha de Honra da Cidade, atribuída pela Câmara Municipal de Setúbal, “como reconhecimento pelos valiosos serviços que prestou em prol de Setúbal e dos seus cidadãos, na classe Atividades Culturais”. Neste ano recebeu ainda o Estatuto de Utilidade Pública através do Despacho Governamental n. 11743/2024.

Atualmente é uma estrutura financiada pela Direção-Geral das Arte, com o apoio bienal sustentado para o projeto *O CORPO E O PODER – O Artifício Operático como Processo Analítico* (2025/2026). Da programação regular faz parte a estreia de 2 óperas originais todos os anos, uma temporada de recitais de canto e piano, o Festival Luísa Todi dedicado ao canto lírico, Ópera para Bebés, Ópera no meu Bairro e o Concurso Setúbal Voz para Jovens Cantores de Ópera.

Teatro M/12

Grande Auditório

Sex, 20h / Sáb, 19h / Dom, 17h

Duração aproximada: 105 min

Conversa pós-espetáculo: 19 OUT: 19h > 20h15

AGUSTINÓPOLIS

TEATRO O BANDO

ASSOCIAÇÃO SETÚBAL VOZ

Textos

Agustina Bessa-Luís

Encenação e Dramatografia

João Brites

Uma iniciativa

Mónica Baldaque

Comissão Organizadora do

Centenário de Agustina

Assessoria Literária e Dramatúrgica

Maria João Reynaud

João Luiz

Composição e Direção Musical

Jorge Salgueiro

Dramaturgia e Assistência

de Encenação

Miguel Jesus

Cenografia

João Brites

Dora Sales

Coreografia e Corporalidade

Iolanda Rodrigues

Conceção e Execução

de Figurinos e Adereços

Catarina Fernandes

Desenho de Luz

João Cachulo

Desenho e Operação de Som

Miguel Lima

Atores

Bibi Gomes

Joelle Ghazarian

Juliana Boyko

Juliana Pinho

Nicolas Brites

Cantores

Constança Melo

Diogo Oliveira

Helena de Castro

Mariana Chaves

Ricardo Moniz

Pianista

Tiago Mileu

e ainda

Alice Figueiredo

Ana Isabel Arinto

Catarina Fernandes

Diogo Rocha

Dora Sales

Fabian Bravo

Inês Gregório

João Brites

Iolanda Rodrigues

João Neca

Jorge Salgueiro

Lucia Rus

Maria Taborda

Miguel Jesus

Miguel Lima

Pedro Guimarães

Raquel Belchior

Rita Brito

Coro Setúbal Voz
Adalberto Petinga
Alexandre Duarte
Alexandre Machado
Ana Arruda
Ana Paula Rosa
Anaísa Rato
Célia Inês
Cláudia Martinheira
Cristina Leão
Dina Alves
Dinora Ferreira
Isabel Duarte
Gonçalo Santos
Jessica Rowley
João Carvalho
João David
João Rato
José Raposo
Laura Nelson
Luís Torres
Madalena Roque
Mário Canteiro
Miká Nunes
Mónica Brito
Néu Silva
Sérgio Mariotti
Paula Coelho
Pedro Andrade
Regina Dinis
Rosária Rei
Vicente Mostra
Teresa Barreto

Criação do Módulo Cenográfico
Rui Francisco

Assistência e Execução de Figurinos
Inês Correia
Maria Luís

Assistência de Adereços
Maria Dinis

Apoio a Figurinos e Adereços
Joana Martins
Amália Marrafa

Operação de Luz
Pedro Guimarães

Apoio à Montagem de Som
Ana Luísa Novais
João Chicó

Direção de Produção
Miguel Jesus

Assistência de Produção
Alexandre Machado
Inês Gregório
Paula Coelho

Montagem
Diogo Rocha
Dora Sales
Fabian Bravo
Gonçalo Poeiras
Vítor Santos

Comunicação
Maria Taborda
Maria Madalena
Miguel Conceição

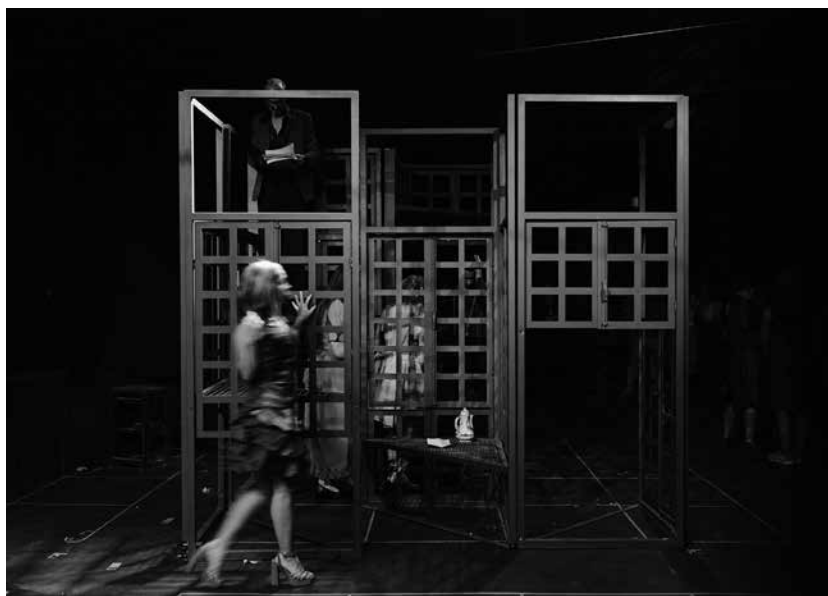
Cozinha
Lucia Rus
Isabel Pereira
Patrícia Rus
Maria dos Anjos Santos

Fotografia
Maria Madalena
Rita Santana

Registo Vídeo
Maria Madalena
Miguel Mares

Construção Serralharia
JSVC Decor

Coprodução
Centro Cultural de Belém
Teatro Nacional São João
Fórum Municipal Luísa Todi
ASMAV – Associação de Socorros
Mútuos Artística Vimaranesse
Centro Cultural Vila-Flor



SINOPSE

Agustina Bessa-Luís e o Teatro O Bando nasceram a 15 de outubro. Partindo dessa feliz coincidência e do convite de Mónica Baldaque e da Comissão Organizadora do Centenário de Agustina Bessa-Luís, o Teatro O Bando e a Associação Setúbal Voz uniram-se para criar um espetáculo operático e teatral, com encenação de João Brites e composição musical de Jorge Salgueiro, que pretende celebrar a incontornável obra da autora.

Partindo de excertos de diversos livros, em *AGUSTINÓPOLIS*, encontramos uma miríade de personagens em trânsito que procuram uma nova terra onde possam fundar uma família ou dar início a um país. Muitas vão em busca de um sentido para as suas vidas, gritam, cantam, zangam-se, outras tentam conter as suas pulsões mais ou menos controláveis, geram tensões e conflitos difíceis de apaziguar. Por vezes seguem num sentido próprio e individual, outras vezes confrontam-se com a necessidade de interagir coletivamente ou refugiam-se no lugar que ajudaram a erguer como se de um ninho de escaravelhos se tratasse. Esforçam-se por sobreviver, forçam-se a coabitar. E assim vão desenhando uma comunidade que a cada instante está prestes a sucumbir sob o peso das raivas comezinhas e da desconfiança mútua.

Iridescência de um traço

Ilustração © Catarina Fernandes



QUEM VIVE?

«VIVA AGUSTINA!»

MÓNICA BALDAQUE

Gólgota, setembro de 2025

Um dia. Um dia, estava eu deitada no areal deserto, era esse um momento antigo, ouvia o mar e o vento; entorpeciam-me as mãos, humedecia-me o cabelo; não havia palavras escritas na linha do horizonte, nem desenhadas na fita negra da areia molhada.

Pensava nas vidas, em como são todas iguais. O que as distingue são as tentações que se encontram nos caminhos que se cruzam. Não é nostalgia, não é poesia. É a voz do tempo que chega com o seu séquito lânguido de sintomas, repetições e profecias.

Agustina regressa.

Relembro-a como figurante, reencarnada em várias personagens que se destacam como um véu, do seu ser inicial e único, e nesse dia, nesse mesmo dia, fecho os olhos e vejo-a passar nas histórias infantis (ditas), da *Cinderela*, da *Branca de Neve*, da *Bela Adormecida*.

Como Cinderela, ela calçou o sapatinho de cristal e dançou na corte, com o seu príncipe. Como Branca de Neve, ela trincou uma maçã envenenada, mas foi salva por um beijo, outro, que não era o da traição. Como Bela Adormecida, ela acordou de 100 anos em que se interrogava: *ao que se parece verdadeiramente o mundo? Como vou eu viver nele? Como fazer para ser verdadeiramente eu mesma?*

Não sei se teve respostas, ou soluções; não sei sequer se acordou.

Eu desejei celebrá-la numa história assim, que permanecesse por séculos, como as outras, que fosse contada e recontada com mil interpretações. Porque esse lugar do mito, é onde pausa a sua eternidade.

Passou a data dos 100 anos. Mas o que importam os 100 anos passados? Outros começam.

*

Um dia, numa praia também, o que não deixa de ser simbólico, em conversa com o Nuno Júdice, falei-lhe do meu sonho: de juntar num grande palco todas as personagens dos romances de Agustina, movimentando-se como num circo; entre piruetas e equilíbrios sobre tranças de seda vermelha; saltos em trapézios suspensos por algas e cabelos de anjo; patinando no casco de um navio que navega ao contrário; usando roupagens exóticas – *umas vestidas com peles de lobo, outras, com fatos de cerimónia, outras, andrajosas; umas sem cabeça, outras sem alma. Não caminhavam, davam cambalhotas como no circo, espreitavam pelas fechaduras, e tremiam de medo e de frio...*¹ e sempre, sentenças sábias a circular, a circular, em vozes de coros, ou em vozes solitárias e profundas!

De repente, tudo se imobiliza.

Seria a imagem perfeita do mundo de Agustina!

Ele ficou em silêncio uns minutos, e logo me disse: *fale com O Bando, o João Brites é a única pessoa capaz de agarrar esse sonho.*

Sim, lembrei-me que Agustina já os conhecia...

Numa primeira conversa comigo, na Casa do Gólgota, o João Brites percebeu o desafio que eu lhe propunha, e muito naturalmente foi seduzido pelo ambiente que Agustina lhe inspirou, e não desistiu. No fundo, falavam a mesma linguagem.

Foram dois anos de trabalho, de resistência, de reflexão, de convívio com o mundo revelado e suspeitado, de Agustina; com a sua palavra que rola no tempo e pelos tempos.

Uma equipa foi tomando forma, o Miguel Jesus foi concebendo a dramaturgia. E de acerto em acerto, finalmente, Agustina chega ao palco, gloriosa.

Agustinópolis, o título perfeito, encontrado para definir este fantástico mergulho num mundo encantado.

Cumpre-se o meu primeiro desejo.

Um ramo de rosas brancas para O Bando!

¹ Mónica Baldaque, *As Casas da Vida de Agustina*, Relógio D'Água, 2025.

96 PERSONAGENS À PROCURA DE UMA VOZ

MARIA JOÃO REYNAUD
JOÃO LUIZ

Porto, setembro de 2025

Vamos personagem. Revela-te, oferece-me a tua mão, diz a tua senha, faz um sinal para que eu te reconheça. Sei que estás aqui, nesta sala, nesta casa. Quem és? Mas ninguém se denuncia.

Como escolher, entre todas as personagens ficcionais de Agustina Bessa-Luís, aquelas que poderão perfazer, simbolicamente, o número de anos de uma vida dedicada à escrita que a publicação de *A Sibila*, em 1954, veio pela primeira vez destacar?

Foi a este repto lançado por João Brites nos finais do ano passado que procurámos responder. A ideia era elaborar uma comunidade de personagens, vindas de múltiplos romances de Agustina, e cruzar as suas vidas numa existência efémera, fazendo-as aparecer e desaparecer, suspensas no tempo. Servindo-nos da experiência de respigadores que acumulámos ao longo de muitos anos de trabalho teatral, fomos colando, lado a lado, os pedaços de cada personagem dispersos pelas inúmeras páginas da Autora. Para nosso espanto – e porque não satisfação –, à medida que a comunidade crescia e as personagens se tornavam concretas e viscerais, também a voz de Agustina se clarificava e se tornava audível na escolha dos textos para o palco.

Desprendidas das páginas dos livros a que a sua origem e o seu destino estão ligados, poderiam partir em busca de uma nova vida, entrecruzando as suas histórias fragmentárias num palco onde se fizessem ouvir, tal como a Sibila, Fanny e Ema, personagens que Agustina extraiu de três romances diferentes para as pôr a contracenar no libreto *Três Mulheres com Máscara de Ferro*.

Iniciado o nosso trabalho de recolção, fomos surpreendidos pelo número de afirmações e considerações que a Autora vai derramando ao longo das centenas e centenas de páginas da sua prodigiosa prosa, e que

¹ Agustina Bessa-Luís, *Dicionário Imperfeito [na primeira pessoa]*, Lisboa, Guimarães Editores, 2008, p.12.

² Idem, ibidem, p. 216.

logo se nos impuseram. Muitos desses preciosos «aforismos», que são para Agustina «a última colheita do uso da vida»¹, foram encaixados numa dezena de temas, com destino a futuras cenas, e inseridos nas falas das personagens que agora integram a comunidade de *Agustínópolis*.

Ao procurar a palavra «personagem» no *Dicionário Imperfeito* de Agustina Bessa-Luís, não esperávamos encontrar esta observação: «Eu gostaria que as minhas personagens não tivessem nome, que corressem pela minha pena como um delgado fio suspenso do orbe»². Assim teria de acontecer com as personagens destinadas a esta imprevista comunidade, apostadas em existir de um modo diferente.

Um mês depois do início da recolha, teve lugar a primeira reunião entre os quatro para conversarmos sobre o trabalho em curso. Só nesse momento demos conta da grande sintonia que se tinha gerado entre nós, validando a intuição que tinha presidido quer, ao convite do João Brites, quer ao conteúdo das páginas já enviadas, onde se arrumavam, por ordem alfabética, mais de metade do número de personagens previsto. Outras se juntariam a estas, em busca da nova vida que o Miguel Jesus Ihes daria num palco onde finalmente se fizessem ouvir.

Eduardo Lourenço, grande intérprete da obra de Agustina Bessa-Luís, considera que *A Sibila* lhe abriu «o lugar que não existia antes dela», embora alguma crítica tardasse em reconhecê-lo. Nas suas palavras, «[...] essa obra instaurava sem que ainda se soubesse muito bem uma espécie de longo reinado da literatura feminina em Portugal. No caso dela, mais feminina do que feminista – que Agustina não é nem nessa perspetiva uma ideóloga mas um exemplo», impondo, desde o primeiro livro, «um mundo da mulher subalternizado com uma evidência que as suas sucessoras receberam já como uma herança natural.»³

Também Nuno Júdice vê Agustina como a aurática representante de uma «via insular» na ficção portuguesa contemporânea, caracterizada pelo «percurso minucioso do universo das personagens e da demorada exploração das zonas íntimas onde se ocultam, sob uma aparência quotidiana de normalidade.»⁴

³ Eduardo Lourenço, *A Indomável*, publicado em *Ler – Livros e Leituras*, janeiro 2009.

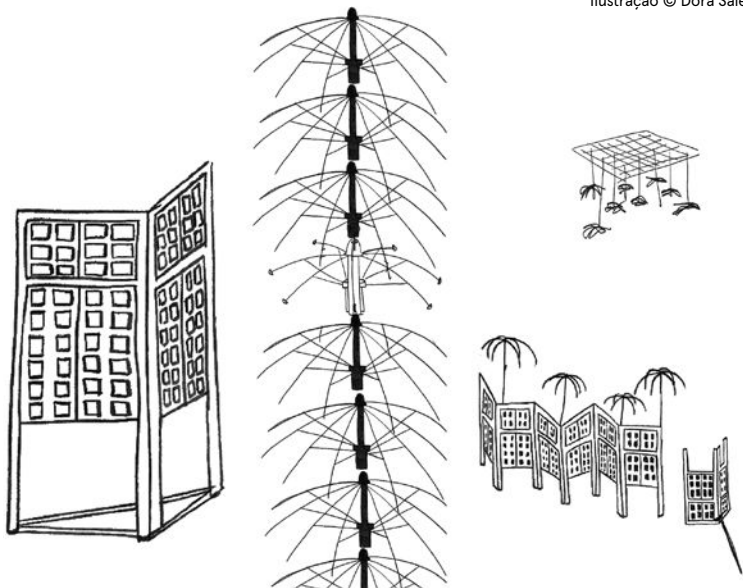
⁴ Nuno Júdice, *Viagem por um Século de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Relógio D'Água, 1997.

No fim deste intrincado trabalho, no decurso do qual convivemos com muitas dessas personagens, chegámos à conclusão de que já era tempo de «ouvir de viva-voz» a pluralidade de sentidos, muitas vezes contraditórios, que a imensa obra de Agustina Bessa-Luís oferece. João Brites, o imaginativo criador de linguagens e espaços cénicos, faz reviver em *Agustinópolis* as personagens a que a dramaturgia de Miguel Jesus deu **voz**, num espetáculo polifónico que tem a marca indelével do encenador d' O Bando.

Graças ao convite de João Brites⁵, pudemos associar-nos, em boa hora, a esta excecional comemoração do Centenário de Agustina Bessa-Luís, bem como à celebração dos cinquenta anos d'O Bando, cuja longa vida saudamos com o entusiasmo e a amizade de sempre.

Zigurate em √5

Ilustração © Dora Sales



⁵ Este convite do João Brites, no que particularmente me toca, acontece num já longo percurso de cumplicidades, iniciado durante o exílio de ambos em 1969 no Grupo de Teatro Prego na Língua.

O artista fica ignorante, malicioso, e faz de fel e vinagre os seus contemporâneos; vinga-se deles, quando só lhes deve simpatia e benevolência; arranca-lhes os olhos quando o olham com admiração. Mas ele é livre. A sua liberdade é um caso perdido, é a mais vulgar de todas as liberdades, a menos digna de ser ambicionada. Mas o artista é livre assim mesmo. Destrói e calunia, prega e salta na praça, enforca-se à beira-rio ou acaba os seus dias como usurário. É este o artista, livre, estúpido, vaidoso e um pouco louco. É pitoresco e amado. E deixa obras belas. É um mistério como as engendrou, é um enigma como pôde ser exacto e como pôde trabalhar tanto.

Agustina Bessa-Luís

AGUSTINÓPOLIS OU O ELOGIO DA MALDADE

MIGUEL JESUS

Andamos nisto há muito tempo, a levantar paredes, a atravessar cidades, a conhecermo-nos uns aos outros, a sentir apelos que não sabemos explicar, a sentir raiva e medo e asco, e amor e dor e compaixão. Vamo-nos cruzando, à procura dos acasos que nos levem num caminho que tantas vezes desemboca em maledicência, em rancor ou em agressão. Nesta *Agustinópolis*, uma cidade levanta-se aos poucos, como um território, um país, um modo de vida que todos reconhecemos, este nosso modo de vida que, com todas as suas glórias e todas as suas falhas, corre o risco de poder ter atingido o seu ponto de implosão. Nesta *Agustinópolis*, só ouvimos fragmentos, resquícios, restos de conversas cada vez mais fugazes, cada vez mais espartilhadas, cada vez mais aceleradas, numa teia de relações familiares, sociais, e de vizinhança conflituosa, num corrupio generalizado e quase caótico de quem já não tem tempo para parar frente aos outros e a si mesmo.

Nesta *Agustinópolis*, traçamos um Elogio da Maldade, tanto dessa maldade que grassa lá longe e é tão grande, a maldade das guerras e das manipulações globais, como da maldade que cresce aqui perto e é por vezes tão mesquinha e pequenina, uma maldade quotidiana, das discussões de café e das quezílias nas filas do trânsito. Nesta *Agustinópolis*, o ódio cresce, dizendo-nos a cada instante que devemos escolher o lado da batalha, uma batalha constante entre ricos e pobres, entre esquerdistas e direitistas, entre brancos e negros, entre homens e mulheres, entre conservadores e

progressistas. O ódio cresce porque ambos os argumentos que se debatem são sustentados por interesses pouco interessados no entendimento mútuo, e porque de um lado e do outro se alimenta a noção da inevitabilidade dessa mesma separação.

Mergulhar na obra de Agustina é necessariamente escolher pormenores no meio da vastidão imensa, acreditando que em cada grão de poeira que alinhamos, e que assim ganha certamente um novo significado, ainda pulsa o eco de uma estranha montanha incandescente. Talvez, enaltecendo o escárnio e a ironia tão presentes na Sua obra, possamos todos olhar-nos no espelho imenso dos seus olhos, sem julgamentos, mas também sem compaixão, obrigando-nos a lembrar de nós próprios, e dos nossos gestos, e do quão afastados andam daquilo a que, se os víssemos de fora, chamaríamos de correção. Talvez assim, maliciosos, feitos de fel e vinagre, arrancando olhos e ouvidos, de mãos e dentes ficcionalmente ensanguentados, nos possamos lembrar o quanto devemos uns aos outros em simpatia e benevolência. Possa este gesto artístico, excessivo, desbragado, contribuir para reconhecermos as sementes do nosso próprio ódio.

SOBRE AGUSTINÓPOLIS OBRA-UNIVERSO

FRANCISCO TEIXEIRA ⁶

A metáfora de uma obra ou corpus literário como um universo de relações entre galáxias, sistemas estelares e outros astros menores não é completamente imprecisa. Há, de facto, uma física, ou uma astrofísica, que regula as personagens, as paisagens, os temas, as ironias e maldades, as profundidades e nexos de superfície das obras canónicas que, por isso mesmo, fazem emergir uma orientação geral do universo e, muitas vezes, do

⁶ Francisco Teixeira é Licenciado em Filosofia, Mestre em Filosofia pela Universidade do Minho (com a dissertação *O Mundo Sem Fundamentos – Uma aproximação ao Neopragmatismo e ao Construtivismo*) e Doutor em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da Universidade Católica (com a tese *A Produção da Realidade – Construtivismo Radical e Autopoiesis*).

nosso universo. A obra de Agustina é um desses casos de obras-universo, que criam relações astrais que se reconhecem por um vislumbre, quando não por uma audição rítmica ou sensibilidade olfativa ou, mais abstratamente, por uma *gestalt* semântica. Há ali um ar-de-família que permite que a obra se faça sarça-ardente.

A própria ideia e desenhos da família romanesca agustiniana constitui um mistério por vir, ora violento e *inter-dito*, dito em interditos e silêncios, que esmagam, nas antípodas da lisura e da transparência notarial, sustentado por cordas ou supercordas invisíveis. Deleuze e Guattari, especialmente no *O Anti-Édipo*, diriam que a família agustiniana e a sua opacidade é uma máquina social que tem como função dar a ver a produção do desejo e do corpo, visto como máquina desejante, assente numa maquinaria social em tensão permanente, não necessariamente repressiva. A família da obra agustiniana é um exemplo como a produção do desejo e do corpo desejante é um mecanismo finamente contingente, até ao nível da imperscrutabilidade, em que as convenções apenas cumprem a função de uma coreografia de ocasião histórica, sem determinismos.

As obras-universo, como a de Agustina, são máquinas de produção de sentido, derivações fortes e campos de força de atração e reconfiguração de outros campos de força, traduzindo-os de acordo com as suas próprias regras, nem que isso implique a distorção forte dos sentidos originais. A obra de Agustina tem a capacidade de perturbar o que lhe é estranho e fazer da sua permanente força de releitura e transformação do senso comum uma força criadora nova, permanentemente efervescente.

AGUSTINÓPOLIS

As metáforas das grandes cidades, das megalópolis, são derivações da grande metáfora das obras-universo, mas antropomorfizadas. *Megalópolis*, de Francis Ford Coppola, como a metáfora de uma nova e mágica utopia urbana, corresponde a esse desejo humano de redução do cosmos a uma forma de vida cosmopolita em que o universo e o humano se articulam numa deriva estrutural mutuamente respeitosa, sem produção de carbono, combatendo a corrupção e outros gases com efeito de estufa. Uma cidade universal neguentrópica.

Na obra de Agustina, pelo contrário da utopia de Coppola e dos progressistas ingênuos, não há espaço para materiais mágicos estrutural e ambientalmente sustentáveis. Mesmo na bruxaria insinuada das personagens, enquanto metáfora da irredutibilidade do humano, a articulação dos materiais

é mágica mas débil (pouco sustentável, portanto), frequentemente trágica, os locais e as lacunas das personagens nunca são perfeitos e transparentes e, nesse sentido, as faltas sistemáticas de Fanny Owen, Ema Paiva ou Maria da Graça relativamente aos seus maridos, famílias e meios sociais, mostram como o mundo se articula em faltas ou, talvez mais ainda, em poderes criativos, quase sempre femininos, que antes que neguentrópicos são campos permanentes de dissipação e entropia.

Agustinópolis, recorrendo embora à metáfora do universo urbano utópico, desvia-se, como conceito, do seu valor facial. Nada aqui nos remete para utopias ecológicas salvíficas. Na recusa da liofilização do universo, que é o caso da obra-universo de Agustina, *Agustinópolis* aproxima-se-lhe no método, já que esse desvio corresponde a uma desarticulação, a uma colagem de fragmentos meteóricos e caóticos, mais orientados por uma entrevista e prevista dramaturgia que pela *autopoiesis* da obra original. Suspira-se e inspira-se Agustina, em *Agustinópolis*, as palavras são suas, as partículas são suas. Mas a articulação cosmológica é outra, entrevista por outra magia quântica, talvez negra. Num certo sentido, Agustina surge, em *Agustinópolis*, como uma dupla demiúrgica malvada da Agustina original, que misturou e deu de novo. Uma antimatéria, ou um anti-Agustina, portanto. Uma outra matéria que suspira pela matéria primordial.

AMO-TE TANTO, EUROPA

JORGE SALGUEIRO

O tempo acelera da Cena Um à Cena Seis. O tempo é cada vez mais acelerado. A Cena Um tem 40 bpm, a Cena Dois tem 60 bpm, a Cena Três tem 80 bpm, a Cena Quatro tem 100 bpm, a Cena Cinco tem 120 bpm e a Cena Seis tem 140 bpm e acelera no final. O piano, representando uma espécie de humanidade da Humanidade, vai sendo encoberto por uma eletrónica que representa a desumanização.

Recordo *Metrópolis* de Fritz Lang ou a *Fábrica dos Sons* de António Vitorino d'Almeida com Charlot apaixonado pela filha do patrão a humanizar os sons da fábrica de sons inúteis. Na Cena Seis o piano já não toca. As frases musicais tornam-se cada vez mais curtas, as melodias têm cada vez menos

notas, melodia de duas notas. Tudo é binário. Caos, derrocada. «Corpos estropeados pelo caos perderam capacidades motoras mas recuperaram a inteligência emocional e pensam como nunca pensaram.»

O piano aparece como um novo início, uma nova esperança de humanidade e de Humanidade. E em cada recomeço surge a poesia, o canto lírico, uma espécie de identidade sublime de uma Europa bela e farol. Outra vez uma Grécia, outra vez um Renascimento de Leonardos, outra vez Cravos em Abril. Amo-te tanto, Europa.

A CIDADE DOS CORPOS

IOLANDA RODRIGUES

Para abordar os conceitos deste desafio de trabalhar a Coreografia e a Corporalidade de *Agustinópolis*, é necessário considerar tanto a dimensão teatral performativa quanto a musical e coral, no registo operático. O espetáculo tem como base a obra de Agustina Bessa-Luís, que frequentemente explora o corpo simbólico da mulher, do território, da família e da identidade.

Em *Agustinópolis*, as personagens procuram “fundar um país ou uma família”. O corpo, nesse contexto, pode ser entendido como espaço político, fronteira, memória viva, um “território em disputa”. As ações físicas dos atores, dos cantores e os gestos coletivos funcionam como um verdadeiro mapeamento identitário.

O espetáculo recorre à dramatização de múltiplas obras de Agustina, configurando-se como um jogo de papéis, máscaras e identidades. A corporalidade surge como instrumento de transição entre personagens, tempos e camadas simbólicas, sendo o corpo parte integrante da narrativa, tão importante quanto a fala e o canto.

As personagens mais relevantes de *Agustinópolis* são interpretadas por atores e cantores líricos, que exploram o corpo como um lugar de memória, tensão e resistência. A fusão entre teatro e música operática

transforma a *performance* em um ritual coletivo, no qual o corpo se torna veículo de transcendência: através da voz, do canto e do movimento, os intérpretes realizam uma espécie de liturgia poética.

Com a presença do Coro Setúbal Voz – ASV, exploram-se tanto o Corpo coletivo quanto o Corpo individual, revelando uma clara noção de corporalidade expandida. Os corpos dos intérpretes formam, através de sua individualidade, um organismo coletivo – o corpo da cidade, da cultura, do povo – que evolui ao longo da obra. Caminhadas, deslocamentos coletivos, entradas e saídas de palco simbolizam “trânsito”, conduzindo os personagens ao caos, enquanto eles buscam, corporalmente, um lugar – seja ele país ou família.

Os Gestos de contenção e explosão representam tensão, conflitos internos e confrontos entre personagens, traduzindo pulsões contidas. Momentos de ruptura surgem por meio de gestos abruptos, movimentos amplos ou simbolicamente violentos. Cada corpo/personagem possui movimentos característicos, incluindo modos diferentes de andar, postura, ritmo e reações físicas, expressando a identidade simbólica retirada dos escritos de Agustina Bessa-Luís.

As cenas musicais (ópera/voz), interpretadas pelos cantores líricos da Companhia de Ópera de Setúbal – ASV, em paralelo com os atores do Teatro O Bando, estruturam dinâmicas coreográficas diretamente ligadas ao ritmo vocal e à música, constituindo um dos princípios que orienta a matriz coreográfica ao longo de toda a peça.





Fotografia de ensaio © Rita Santana



Projeto *liberaLinda*

CRIADO NO ÂMBITO DAS CELEBRAÇÕES DOS 50 ANOS
DO TEATRO O BANDO E DO 25 DE ABRIL

Projeto apoiado pela Comissão Comemorativa
50 Anos 25 de Abril

projeto *liberaLinda* Teatro O Bando 15 A 19 OUT

traVessia

Exposição de 24 figurinos
que marcaram o percurso
do Teatro O Bando

oKupação

Documentário realizado por
Rui Simões sobre a ocupação
teatral da TSF

Foyer do Grande Auditório (Centro de Congressos e Reuniões, Piso 1)
Praça CCB

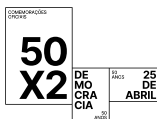
Entrada livre

O projeto *liberaLinda* surge no ano em que celebramos 50 anos de existência de um grupo que nasce sob a égide de um Abril há muito desejado e sonhado e pelo qual tantas e tantos lutaram. Em cinco décadas de democracia o Teatro O Bando não parou de pensar Abril e foram muitos os espetáculos, as personagens e as cenografias que procuraram questionar, estética e politicamente, o percurso da palavra liberdade e os trilhos da democracia.

Reunimos um conjunto de ações que procuram revisitar com os olhos de hoje alguns momentos do Teatro O Bando. Para além de uma Intervenção Teatral que é também uma visita guiada, o projeto *liberaLinda* é também composto por duas instalações cenográficas e um documentário: *traVessia*, que acolhe a exposição de 24 figurinos que marcaram o percurso do grupo, suspensos ao ar livre, numa homenagem às atrizes, atores e figurinistas que passaram pelo O Bando; *madruGada*, estrutura penetrável com diapositivos alusivos aos 48 anos de ditadura¹; e *oKupação*, documentário realizado por Rui Simões a partir da ocupação teatral da redação da TSF que teve lugar a 24 de abril de 2014.

¹ *madruGada* não se encontra em exposição

O projeto *liberaLinda* é assim um percurso de polifonias, imagens breves e perenes que constituem um arquivo vivo de textos, artistas, vozes e corpos que caminham na relação com o espectador. Estas memórias que aqui organizámos, são fruto de felizes encontros, de contágios provocados. O contexto em que esta exposição se insere sustenta o gesto que queremos partilhar: recolhemos da história a vontade de atualizar o nosso discurso; escutamos as palavras que ficaram para trás, conferindo-lhes novos cenários; marcamos encontro com os espectadores como quem marca um ritual que se quer participativo e em celebração.



© Rita Santana



projeto *libera*Linda

traVessia

Visitas guiadas à exposição:

18 outubro 15h às 16h15

19 outubro 14h às 15h15

Entrada livre

traVessia é uma exposição de alguns figurinos que marcam o longo percurso do Teatro O Bando, agora suspensos ao ar livre em picotas que os elevam para evidenciarem aquelas roupas que, como uma espécie de pele, caracterizam as personagens. Os corpos dos atores deram origem ao vazio de imaginários manequins. Os tecidos moldam uns corpos que já não estão lá, mas que continuam a evocar a sua real existência e assim permanecem emplumados, preenchidos e presentes. São cinco décadas ancoradas em personagens que emergem dos textos de dezenas de escritores portugueses que, ao ar livre, podem agora dialogar com as árvores e o espaço público onde se instalam.

Cenografia

João Brites

Rui Francisco

Construção Cenográfica

JSVC

Construção Corpos Suspensos

Dora Sales

Brenda Martins

Fátima Santos

Coordenação de Construção
dos Corpos e Figurinos

Clara Bento

Figurinos

Clara Bento

Jasmim de Matos

Jaime Azinheira

Maria Matteucci

Mariana Sá Nogueira

Rafaela Mapril

Vera Castro

Catarina Fernandes

Montagem

Vítor Santos

João Neca

Raquel Belchior

Maria Taborda

Agradecimentos

João Macedo

Miguel Lima

Quilómetro Lisonjeiro Lda.

oKupação

Quarta, 15h às 21h / Quinta, 15h às 20h

Sexta, 15h às 22h30 / Sábado, 15h às 21h30

Domingo, 14h às 20h15

Documentário realizado por Rui Simões numa produção da Real Ficção a partir da ocupação teatral da redação da TSF que, no dia 24 de abril de 2014, integrou as comemorações dos 40 anos da Revolução e do Teatro O Bando. Nesse dia, sem aviso prévio aos ouvintes, a Rádio TSF convidou o Teatro O Bando a tomar conta da emissão da manhã durante cerca de 90 minutos.

Sob direção de João Brites, 24 atores, 16 músicos e dezenas de participantes entraram na redação armados de palavras e de música para proclamarem o direito à voz, à palavra, ao protesto e à livre manifestação de quem se serve dos poemas e dos romances dos nossos escritores para falar do presente, confundindo propositadamente a realidade da ficção com a realidade quotidiana.



Realização

Rui Simões

Imagem e Som

Rui Simões

Sofia Ferreira

Montagem

Pedro Tavares

Neuza Nogueira

Ana Teresa Rodrigues

Misturas e Som

Tiago Inuit

Correção de Cor

Ana Teresa Rodrigues

Genérico e Grafismo

Neuza Nogueira

Sofia Ferreira

Música

Uma Pátria (a partir do poema
de Eugénio de Andrade)

Tradução

Joana Lima Martins

Direção de Produção

Jacinta Barros

Produção

Real Ficção

Ideia

Fernando Alves

Colaboração

Direção da TSF

Criação

Teatro O Bando

Encenação e Coordenação

Artística

João Brites

Assistência de Encenação

Miguel Jesus

Composição e Direção Musical

Jorge Salgueiro

Cenografia

Rui Francisco

Figurinos e Adereços

Clara Bento

Atores e Atrizes

Ana Brandão

Ana Lúcia Palminha

Antónia Terrinha

Bibi Gomes

Bruno Huca

Cândido Ferreira

Estêvão Antunes

Fátima Santos

F. Pedro Oliveira

Gonçalo Amorim

Guilherme Noronha

Horácio Manuel

Joana Manaças

Juliana Pinho

Nicolas Brites

Nuno Nunes

Paula Só

Pedro Gil

Raul Atalaia

Rita Cruz

Rosinda Costa

Sara Belo

Sara de Castro

Susana Blazer

Suzana Branco

Lançamento de Livro

Foyer do Grande Auditório (Piso 2)

Quarta, 19h às 21h

Entrada livre

Com a presença de

Eugénia Vasques

João Maria André

João Brites

Susana Mateus

Atriz e Ator. Artistas Vol. III ***– Presença e Mobilidade Imperceptível***

de João Brites e Teatro O Bando

Edição do TNDM II/Bicho-do-Mato

15 OUT

Neste volume, João Brites, fundador e encenador do Teatro O Bando convida-nos a pensar sobre o trabalho da atriz e do ator como artesãos pensadores do Teatro. Cada intérprete, com a sua experiência acumulada, abre o leito de um rio próprio para deixar correr os impulsos identitários da sua criação teatral. É nesse fluxo criativo, que não se interrompe mesmo quando atravessa territórios desconhecidos, que se encontram os riscos e as possibilidades de reinvenção. Os livros desta coleção refletem sobre a continuidade de uma arte que, desde sempre, procura dar forma ao invisível e ao inominável.

Construindo um projeto editorial

SUSANA MATEUS

Depois de muitos anos a existir apenas como ideia, em 2023, começou a ganhar forma no papel, o projeto editorial de João Brites e do Teatro O Bando, *Atriz e Ator. Artistas*. Trata-se de uma proposta ambiciosa, pensada como um grande mural, composto por nove painéis – aqui materializados em nove volumes –, todos integrantes de uma mesma família, mas também todos com a sua própria identidade.

O sentimento que temos tido ao construir cada volume desta obra é o mesmo que, num ensaio radiofónico de 1931, Walter Benjamin descrevia vividamente em relação ao processo de desempacotar a sua biblioteca.

Centrava-se nas emoções, na expectativa feliz, de abrir as caixas que continham livros há muito esquecidos, na surpresa de reavivar essa memória e esses encontros perdidos. Nas suas palavras:

«Estou a desempacotar a minha biblioteca. (...) Peço-vos que se imaginem comigo, no meio da desordem das caixas rasgadas, respirando o ar carregado de pó e serradura, o chão à minha volta, cheio de restos de papel, olhando para pilhas de livros que só agora, após anos de escuridão, foram devolvidos à luz do dia; quero que partilhem, desde já, um pouco do estado de espírito (não de luto, mas de expectativa) que eles despertam num verdadeiro colecionador».

Neste momento, esta coleção conta com três volumes já publicados, *Representação e consciência de expressão, Teatralidade e representação vivencial* e o mais recente *Presença e mobilidade impercetível*. Estamos na primeira etapa de uma caminhada editorial, que tem sido possível numa parceria fraterna e cúmplice com o Teatro Nacional Dona Maria II, que disponibilizou a coleção *Estudos* para a publicação desta obra.

Atriz e Ator. Artistas é uma polifonia composta de muitas vozes e memórias. A própria narrativa é compósita, poliédrica, como uma tapeçaria que une muitos fios tentando, nessa diversidade, construir um todo coeso. João Brites dedica o primeiro volume aos «companheiros desta longa estrada» e é precisamente isso que aqui encontramos, uma longa estrada feita de mais de 50 anos de existência, os mesmos da nossa cada vez mais frágil democracia. E, nessa estrada, feita de curvas e desvios, estão muitos companheiros, que seguiram num Citroen Dois Cavalos de norte a sul do país até criarem amarras numa quinta improvável num vale atemporal.

Mas, longe de ser um livro de memórias, é um livro do olhar presente. De atualização. De reflexão crítica sobre o passado e de inquietação desassossegada sobre o correr dos dias de hoje. É também uma provocação, feita num diálogo tenso entre um *eu* e um *ele*, um autor em confronto com o que foi e o que é neste momento. Tudo isto acompanhado de memórias do Teatro, das personagens e de um país, às vezes tão à deriva como a *Jangada de Pedra* de Saramago, em que cabem a Ti Miséria, a Esquecida, o Miura, Dona Sância, Mouzinho, e tantas e tantos outros.

Esta obra é também um diálogo com a *Consciência do Ator em Cena* (CAC), com essa metodologia e constructo teórico criada, pensada e reelaborada na prática das atrizes e atores do Teatro O Bando, mas também nos anos de docência de João Brites na Escola Superior de Teatro e Cinema.

Não por acaso uma boa parte de cada volume é dedicada, precisamente, ao sistema de exercícios que integram o CAC e à complexa arquitetura do seu aparelho conceptual.

Cada leitor pode ler os volumes de *Atriz e Ator. Artistas* com diferentes intenções e procuras. Em momento algum encontrará um manual de instruções ou uma bússola. Abrindo a gaveta destes livros, para além do desconhecido, provavelmente, encontrará familiaridade ao deparar-se com personagens cujos nomes conhece e ao encontrar nas palavras de quem escreve as inquietações que são também as suas. Afinal são as inquietações da humanidade que todos partilhamos.

Um Teatro é também um arquivo, um arquivo que não está cristalizado nem moribundo, um arquivo mutante e migrante, que acompanha as inquietações dos tempos que correm. O Teatro é um guardião da memória coletiva, tão fundamental e necessário quando parece que – como sociedade e como espécie – mergulhamos num espesso e escuro manto de amnésia.

Conferência

Foyer do Grande Auditório (Piso 2)

Sábado, 16h30 às 18h

Entrada livre

Com a presença de

Maria João Reynaud

Mónica Baldaque

João Brites

Miguel Jesus

SOBRE A OBRA DE AGUSTINA

18 OUT

Para a realização do espetáculo *Agustinópolis* mergulhámos na extensa, complexa e inebriante obra literária de Agustina Bessa-Luís pelas mãos de várias pessoas.

Esta conferência, que é também uma celebração do nascimento da autora, convoca os vários momentos de concretização de um projeto teatral que inicia com a demanda de noventa e seis personagens desvendadas, a dedo, por Maria João Reynaud e João Luiz. Dessa malha feita de nomes, pequenas histórias e intrigas, Miguel Jesus encontrou o «furor de viver» que trespassa a obra de Agustina, entregando-o por sua vez às mãos de João Brites, que encena a grande praça de vozes e aspirações intemporais.

Mónica Baldaque, a grande timoneira deste desafio, contextualizará a vida e obra de uma das mais reconhecidas autoras do nosso país, no âmbito do centenário do nascimento de Agustina Bessa-Luís.

Partilhamos assim um processo de criação que acontece nestes dias onde a flor do ódio transborda. Talvez, como escreveu Agustina, «há que dirigir o mundo por meio duma ficção capaz de suplantar a realidade».



BIOGRAFIAS

Maria João Reynaud

Maria João Reynaud nasceu no Porto. Ensaísta, crítica literária, dramaturgista e poeta, é Professora Jubilada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde ensinou literatura portuguesa moderna e contemporânea durante largos anos. Em 1997, doutorou-se com uma tese sobre as três versões de *Húmus*, de Raul Brandão, autor central na sua investigação científica. Além de numerosos estudos e artigos consagrados à narrativa, à poesia e ao teatro contemporâneos, editados em volumes científicos e em revistas literárias nacionais e internacionais, tem vários livros publicados. É dramaturgista do grupo de teatro para a infância e juventude Pé de Vento desde 1978. Alguns títulos publicados: *Metamorfoses da Escrita* – *Húmus de Raul Brandão* / Prémio PEN Clube de Ensaio 2000; *Margens – Ensaios de Literatura*, Porto, 2016 / Prémio Jacinto do Prado Coelho / A. P. C. L.; *Enigma e Transparência – Sobre a Poesia de Fernando Echevarría*, Porto, 2019; *Luz de Intimidade*, Porto, 2004. *Ana e o Arco-Íris*, Porto (1985). Nova edição: ilustrações de Luiz Darocha, Porto, Edições Afrontamento, 2003 (esgotado).

João Luiz

João Luiz nasceu no Porto em 1944. Encenador e diretor artístico do Pé de Vento, inicia a sua atividade teatral em 1964 no T.E.P., como ator, tendo, em 1966, encetado a carreira de encenador como assistente de Ernesto de Sousa, nomeadamente no espetáculo *O Gebo e a Sombra* de Raul Brandão. Entre 1966 e 1974 vive em Bruxelas onde, a partir de 1968, integra a equipa profissional do Théâtre-Poème. De volta a Portugal é professor da disciplina Movimento e

Drama (Expressão Dramática) nos anos letivos 1975/76 e 76/77 na Escola do Magistério Primário de Penafiel. Em 1978 funda com Maria João Reynaud e Manuel António Pina o Teatro Pé de Vento. Como Diretor Artístico da Companhia encena mais de 80 espetáculos tendo, alguns deles, participado em Encontros e Festivais Nacionais e Internacionais, tanto em Portugal, como no estrangeiro. Em 1978, integra o núcleo de profissionais que funda o CPTIJ (Centro Português de Teatro para a Infância e a Juventude) tendo feito parte, por diversas vezes, da Direcção. Nesta condição, em 1984/85 integra o Conselho de Teatro do Ministério da Cultura, sendo Ministro o Dr. Coimbra Martins. A nível internacional representa Portugal em vários Congressos Mundiais da ASSITEJ (Associativo International de Théâtre pour l'Enfance et la Jeunesse), sendo membro do Secretariado Executivo desta associação entre 1989 e 1993. Nesta condição esteve presente em vários colóquios e festivais internacionais. Com a inauguração do Teatro da Vilarinha, em Outubro 1996, para além da direcção artística do Pé de Vento foi igualmente responsável pela programação desta sala de espetáculos até outubro de 2018. De entre outras atividades pode-se referir a sua participação na Equipa da Unidade de Espetáculos da Expo'98 como *régisseur* responsável dos Palcos Móveis.

João Brites

Funda o Teatro O Bando em 1974 e desde então tem a oportunidade de desenvolver as suas capacidades enquanto cenógrafo, encenador e dramaturgista. Elabora dezenas de versões cénicas de textos não dramáticos (romances, contos, ensaios, poemas) que adapta e encena; promove um teatro coletivo e comunitário em espaços inabituais; concebe e constrói

Máquinas de Cena; assume a Direção de Atores em torno da ideia de ator-artista e do sistema da Consciência do Ator em Cena, fortemente ancorado nas noções de diálogo interior, de personagem-intermídia e de dissonâncias entre os planos da interioridade, da oralidade e da corporalidade. Alguns espetáculos marcam o percurso do Teatro O Bando, entre eles: *Caras Ou Coroas* (1981), *Montedemo* (1987), *Estilhaços* (1989), *Bichos* (1990), *Amanhã* (1992), *Garuma* (1996), *Merlim* (2000), *Alma Grande* (2002), *Ensaio Sobre A Cegueira* (2004), *Os Vivos* (2007), *A Noite* (2009), *Quixote* (2010), *Olhos De Gigante* (2013), *Quarentena* (2014), *Porta* (2021); *Trilogia Da Divina Comédia Inferno* (2017), *Purgatório* (2019) e *Paraíso* (2022).

Jorge Salgueiro

Jorge Salgueiro é o compositor português vivo com mais óperas representadas num total de 17. Foi diretor artístico em várias destas óperas e em algumas fez também o texto e/ou a encenação e/ou a direção musical. É diretor artístico da Associação Setúbal Voz desde 2017. De 2000–2010 foi compositor residente da Marinha Portuguesa. De 2000–2022 foi membro da direção artística do Teatro O Bando. De 1998–2023 foi compositor residente da Foco Musical. Compõe regularmente desde os 14 anos, sendo autor de mais de mil obras entre as quais 8 sinfonias, diversa música para orquestra, banda, coro, de câmara, para teatro, cinema, bailado e para crianças. Dirigiu mais de 40 formações diferentes, sendo de destacar a Orquestra Sinfónica da Bahia [BR], Orquestra Nacional do Porto (atual Casa da Música), Orquestra do Norte, Orquestra Clássica da Madeira, Pop Up Choir [UK], Coro Valdeluz Madrid, Orquestra Sinfónica da Universidade de

Caxias do Sul [BR], Orquestra de Sopros da ESML, Banda Sinfónica Portuguesa, Orquestra de Bandolins da Madeira e Banda Sinfónica da GNR. Tem larga experiência na organização de eventos com centenas de participantes onde se destaca *O Gigante* (evento com 600 músicos comemorando os 600 anos da Madeira no Estádio dos Barreiros), *A Pomba De Picasso* no AWD Dome de Bremen com a Banda da Armada Portuguesa e bandas de todo o mundo, a ópera *o Pino do Verão* na encosta do Castelo de Palmela e a ópera *Deu-La-Deu* na encosta do castelo de Monção. Compõe para crianças desde 1998, sendo precursor das audições musicais participadas e autor de vasta literatura sinfónica e de câmara nesta área, sendo de destacar a fábula sinfónica *A Quinta da Amizade*. Na juventude, como instrumentista em trompete, integrou a Orquestra de Jovens da Comunidade Europeia, Orquestra de Jovens do Mediterrâneo, Orquestra Sinfónica Juvenil, entre outras, e ganhou o 1.º Prémio de Nível Superior da Juventude Musical Portuguesa.

Miguel Jesus

É licenciado em Artes do Espetáculo pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Durante catorze anos trabalhou no Teatro O Bando, onde foi membro da direção da cooperativa e da direção artística. Foi assistente de encenação e coordenador de produção de vários espetáculos encenados por João Brites, bem como de grandes eventos para milhares de espectadores. Como encenador, dirigiu espetáculos com uma forte componente musical, desde concertos encenados a uma ópera infantil, bem como espetáculos ao ar livre e em espaços inusitados, destacando-se: *Em Nome da Terra* (2015); *Do Fim* (2016);

Adoecer (2017); *Pássaros* (2018), *Pelos que Andam sobre as Águas do Mar* (2018, em colaboração com Raquel Belchior), *Antes do Mar* (2020), *As Mãos das Águas* (2022), *Cidade do Destino* (2023) e *Hedda Gabler* (2025). Fez parte da equipa curatorial e dramaturgical da Representação Oficial Portuguesa na Quadrienal de Praga de 2011, *Do Outro Lado*, participando também como colaborador e editor no respetivo catálogo. Como dramaturgista, já criou espetáculos a partir de poemas de Manuel António Pina, António Maria Lisboa e Almada Negreiros, e a partir de romances e contos de Vergílio Ferreira, Hélia Correia, Mia Couto, José Eduardo Agualusa, Raul Brandão, Luís- Bernardo Honwana, Dante Alighieri e Hafiz. Foi responsável pela representação do Teatro O Bando nas edições de 2019 e 2020 do Festival Todos, coordenando a apresentação de dezenas de espetáculos e pequenas intervenções de rua de cariz multicultural. Dentro do contexto do Festival Todos, já desenvolveu projetos interculturais com crianças e a *Marcha Olá Futuro* com mais de trezentos participantes das mais diversas origens. É cofundador da GALATEIA – Edição e Produção Cultural, onde publicou: *Primeira Estrada* (2010), livro de poemas do qual realizou diversas leituras musicadas; *Inês Morre* (2011), peça de teatro sobre o mito histórico de Pedro e Inês; *Quarentena* (2014), compilação de poemas presentes no espetáculo de celebração dos 40 anos do Teatro O Bando; *Purgatório* (2019), peça teatral que adapta livremente o original de Dante Alighieri; e *Da Rosa o Espinho* (2024), adaptações de poemas de W. B. Yeats. Na mesma sequência, escreveu também *Paraíso* (2022), publicado pela Bicho-do-Mato.

Dora Sales

Dora Sales é atriz, cenógrafa e encenadora. Bacharel em Artes Cénicas pela Universidade de Brasília, atua na área desde 2017, colecionando trabalhos no Brasil e em Portugal. Foi diretora de montagem no Teatro O Bando entre 2019 e 2021, e é membro da APCEN (Associação Portuguesa de Cenografia). Além disso, colabora com instituições como o Teatro Nacional Dona Maria II, Atelier Hora do Lobo, Teatro Extremo, Coletivo Galateia e Teatro O Bando, além de trabalhar com diversos artistas e companhias teatrais. É uma das fundadoras e encenadoras do Grupo Cru.

Catarina Fernandes

Cenógrafa e Figurinista. Mestre em Artes Cénicas na Escola Superior de Artes e Música do Espectáculo no Porto, licenciada em Design de Cena na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa, e formação profissional em Cenografia, Figurinos e Adereços na Escola Profissional Chapatô. Encontra espaços e transforma-os em lugares traçando o seu caminho entre as artes performativas, as artes visuais e o trabalho em comunidade. No campo da cenografia e dos figurinos salienta os encontros com A Bolha – Companhia de Teatro com Marionetas, Companhia de Atores, GTT – Grupo de Teatro Terapêutico do Hospital Júlio de Matos, KILIG – Teatro, Circo e Cinema, Teatro O Bando e Soif Totale (Bélgica). Actualmente pertence à direção da APCEN – Associação Portuguesa de Cenografia, e investiga sobre «a cenografia como um lugar de descoberta» no Grupo de Teatro Terapêutico do Hospital Júlio de Matos, observando a cenografia como um campo que habita numa trama elástica, sensível de escuta, onde memória, objetos e

espaços participam ativamente num processo individual e coletivo, e de resignificação.

João Cachulo

João Cachulo iniciou a sua carreira em 2001, no Teatro, como assistente de cenografia nos Artistas Unidos. Desde então tem desenvolvido trabalho como responsável técnico, desenhador de luz e diretor técnico em várias companhias e instituições, incluindo Teatro Maria Matos, Teatro O Bando, Festival de Almada, Gulbenkian, Companhia João Garcia Miguel e AvanteTeatro, entre outros. Assinou dezenas de desenhos de luz em teatro, dança e música, destacando-se criações para *Nós Matámos o Cão Tinhoso!*, *D. Quixote*, *Yerma*, *Jangada de Pedra*, *Morreste-me* e *Inferno*. Paralelamente, tem explorado o vídeo *mapping* em espetáculos e concertos. Em 2017 fundou a Contrapeso, dedicada à gestão, produção e criação nas artes do espetáculo, assumindo a direção técnica de companhias, espaços e festivais. Desde 2019 integra a Fundação Calouste Gulbenkian como coordenador da equipa de iluminação de cena.

Miguel Lima

Nasceu mesmo a tempo de assistir à revolução. Não há registos desse grito primordial. Talvez por isso, decidiu cedo que nunca mais iria perder nenhum som: grava, reproduz, molda, manipula, desenha e toca bateria. Desde que envolva áudio, está sempre de ouvidos bem abertos. E foi essa a razão que o levou a construir o seu próprio estúdio de som, o Estrela de Alcântara, inaugurado em 2018. Claro que, pelo meio, ainda aconteceram algumas coisas dignas de nota: fez o curso de Imagem e Som na Escola Secundária António Arroio, apesar

de ter passado as aulas de geometria no café. Foi por essa altura que começou, muito mais no café do que nas aulas, a sua primeira banda, Rebel Blues Band, onde tocava bateria – e bem alto. Hobby que ainda hoje mantém com os The Soaked Lamb, que fundou em 2007. Ainda teve outros projetos esporádicos, dos quais se recorda tanto dos nomes como da perspetiva cavaleira. Essa paixão antiga levou-o a gravar e fazer o som de bandas em concertos, o que ainda lhe ocupa mais as noites do que os dias. O seu primeiro ordenado veio com estrondo dos estúdios NBP, onde fez pós-produção de som. Faz montagem de som para cinema, para curtas e longas-metragens, onde já foi diversas vezes premiado em festivais nacionais e internacionais. Mais recentemente juntou a todos os palcos anteriores, os do teatro e da dança, onde opera e desenha o som para diversos grupos e companhias. Desde de 2017 que colabora com o Teatro O BANDO, onde fez os desenhos de som dos espetáculos: *Almenara*, *Purgatório*, *Filho?*, *Antes Do Mar*, *Porta* e *Paraíso*. Em quase 20 anos de carreira, já passou pelos melhores estúdios de som de Lisboa, onde trabalhou principalmente para o mercado da publicidade.

Iolanda Rodrigues

Iolanda Rodrigues, coreógrafa, Mestre em Ensino de Dança pela Escola Superior de Dança. Formada na Academia de Dança Contemporânea de Setúbal com os prof. Maria Bessa e António Rodrigues. Foi bailarina profissional no Ballet Gulbenkian, HNK – Split (Ballet Nacional da Croácia) como bailarina solista, Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo, Companhia Instável, Quorum Ballet e Companhia de Dança Contemporânea – CeDeCe, entre outros projetos de

coreógrafos independentes. Trabalhou como assistente dos coreógrafos Gagik Ismailian e Rui Horta, em diversas companhias nacionais e internacionais, nomeadamente na Companhia Nacional de Bailado. Desde 1996 que trabalha como coreógrafa tendo criado para as companhias e escolas de dança: CeDeCe, Pequena Companhia/Little Company da ADCS, Quorum Ballet, ESD-IPL; e para as companhias de Teatro: TAS, TIL, AAPT, GATEM, TOMA e TEF. Desde 1998 que leciona «Modern Dance», Contemporâneo e Composição coreográfica: na ADCS, no Chapitô e como Professora adjunta convidada no Escola Superior de Dança - IPL. Tem sido Professora convidada nas companhias: CeDeCe, Quorum Ballet, Tanztheater Staatstheater Nürnberg, CPBC e Estúdios Victor Córdon (aulas para bailarinos profissionais). Desde 2019, faz parte da direção artística da Associação Setúbal Voz — para o trabalho de corporalidade e criação coreográfica — e é membro fundador da Companhia de Ópera de Setúbal. Deu ao longo deste período, apoio à encenação de todas as óperas de repertório da Companhia e encenou a 3.^a Ópera do projeto *Tetralogia Operática sobre as 4 Constituições Portuguesas e 1776, a Evolução dos Cravos*. O seu trabalho atual centra-se na coreografia e no ensino de Dança, sendo membro da direção pedagógica da Academia de Dança Contemporânea de Setúbal (ADCS), direção artística da Pequena companhia/Little company da ADCS e Presidente da Associação Academia de Dança Contemporânea.

ELENCO AGUSTINÓPOLIS



Bibi Gomes

Nasce em 1964. Atriz, fez o Curso de Atores da Companhia de Teatro de Almada, frequentou seminários e estágios para atores promovidos pela Fundação Calouste Gulbenkian, Teatro O Bando e o FIT. Trabalhou com encenadores como Joaquim Benite, José Martins, Júlio Castrounovo, João Brites, José Barbieri, Gisela Cãnamero, Fernando Jorge Lopes, Isabel Leitão, Horácio Manuel, António Carvalho, Rogério de Carvalho, Helena Pimenta, Raul Atalaia, Joseph Collard, Miguel Jesus, Mafalda Santos e Andy Burden. Interpretou textos de autores como Bertolt Brecht, Camilo Castelo Branco, Frederico Garcia Lorca, Gil Vicente, Miguel Torga, Mia Couto, Molière, Almeida Garrett, Ramos Rosa, Manuel Teixeira Gomes, Teresa Rita Lopes, Pirandello, Sophia de Melo Breyner, Irene Lisboa, Max Aub, Ad de Bont, Hélia Correia, Jaime Rocha, entre outros. Integrou o elenco da Companhia de Teatro de Almada de 1986 a 1989, o elenco do Teatro O Bando de 1989 a 2000, da Companhia Arte Pública de 2000 a 2005 e trabalhou entre 2005 e 2006 em espetáculos no Teatro O Bando e no Teatro Nacional D. Maria II. Paralelamente à atividade como atriz, tem colaborado com diversas Bibliotecas Municipais em lançamentos

de livros e de sensibilização à leitura para crianças e adultos. Tem também desenvolvido atividade como encenadora, coordenadora de eventos e direção de *workshops*, destacando a coordenação de encenação de *Máquinas de Peregrinar* e coordenação dos atores do Evento Regular Diurno EXPO98.

Participou em diversas séries para a televisão e curtas-metragens para o cinema. É cooperante do Teatro O Bando. Colabora com o Teatro Extremo desde 2007, onde integra o elenco e faz a coordenação do Serviço Educativo onde concebe e desenvolve projetos da sua autoria para a infância, juventude e seniores.



Constança Melo

Constança Melo, soprano lírico de coloratura, nascida em 2003, iniciou os seus estudos em 2016 com a mezzo-soprano ucraniana Larissa Savchenko. Participou no Got Talent Portugal (2015), recebendo o botão dourado de Sofia Escobar e alcançando as finais. Atuou em diversos palcos na Europa e Brasil, incluindo Convento de Ugljan (Croácia), ISEG, Teatro Amazonas (Manaus) e Teatro Joaquim d'Almeida. Aos 13 anos, obteve nota máxima no exame de entrada do Conservatório Nacional de Lisboa e, desde então, conquistou prémios internacionais, como o Concurso Lírico Virtuale SOI Fiorenza Cedolins (Itália,

2020), sendo finalista na Villa Medici Giuliani, em Milão. Atuou como solista com a orquestra barroca I Solisti Veneti, sob direção de Giuliano Carella, na Basílica de Santo António, em Pádua. É sócia honorária do Rotary Clube Lisboa Centro. Recebeu prémios em concursos internacionais, como o Concurso de Canto Lírico de Lousada e Cascais Ópera, obtendo Masterclass em Espanha com Mariella Devia e participação como solista no Festival de Música de Mafra (2025). No final de 2024, participou como Barbarina em *Le Nozze di Figaro* no TNSC e lançou um CD com obras de João Camacho. Atualmente integra a Associação Setúbal Voz, sob direção de Adalberto Petinga, Paula Coelho e Maestro Jorge Salgueiro, com coordenação de dança de Iolanda Rodrigues.



Diogo Oliveira

Natural de Lisboa, é licenciado em Engenharia da Linguagem e do Conhecimento pela Universidade de Lisboa. Iniciou os seus estudos vocais na Escola de Música do Conservatório Nacional com José Carlos Xavier e aperfeiçoou-se com mestres como Sarah Walker, Rudolph Knoll, Low Siew-Tuan e Ernesto Palácio. Apresentou-se em recitais e obras de oratória como *Schwannengesang* de Schubert, *Sea Pictures* de Elgar e *Stabat Mater* de Dvorak, tendo vencido o Concurso

Nacional de Canto Luísa Todi em 2005. Ao longo da sua carreira, interpretou uma vasta gama de papéis operáticos em Portugal e no estrangeiro, incluindo Marullo em *Rigoletto*, Figaro em *Le Nozze Di Figaro*, Papageno em *Die Zauberflöte*, Germont em *La Traviata* e Belcore em *L'Elisir d'Amore*. Atuou no Teatro Nacional de São Carlos, Fundação Calouste Gulbenkian, Teatro Real de Madrid e festivais internacionais como o «Printemps des Arts» em França e no festival de Woodhouse em Londres. No teatro musical, destacou-se como Phantom em *Das Phantom der Oper*, em digressão pela Alemanha, e em produções como *Jesus Christ Superstar*, *A Christmas Carol* e *Ópera do Malandro*. Além da sua atividade artística, Diogo Oliveira dedica-se ao ensino de canto desde 2001. Fundou a escola Primeiro Acto – Escola de Musicais e Artes de Palco, onde leciona até hoje, e é professor na Associação Setúbal Voz. Desde 2022, integra a Companhia de Ópera de Setúbal, participando regularmente em produções e concertos. A sua versatilidade e dedicação fazem dele uma figura de destaque no panorama lírico e teatral português.



Helena de Castro

Natural de S. Miguel, Helena de Castro iniciou os estudos de canto no Conservatório Regional de Ponta Delgada e concluiu licenciatura e

mestrado em Ópera na Escola Superior de Música e Teatro de Hamburgo, onde foi distinguida com a bolsa de mérito «Berenberg Bank» (2013). Foi solista no Teatro de Bremerhaven e premiada pelo Live Music Now (2014) e no Concurso Nacional de Canto Lírico da Fundação Rotária Portuguesa (2016). Interpretou papéis de destaque em óperas de Purcell, Wagner, Mozart, Donizetti, Puccini, Verdi, entre outros, e participou também em obras de compositores contemporâneos portugueses. Atualmente integra a Companhia de Ópera de Setúbal e leciona Canto, Coro, Teatro Musical e Interpretação Cénica em várias instituições. É ainda solista no projeto Ópera para Bebés, da Associação Setúbal Voz.



Joelle Ghazarian

Joelle Ghazarian é franco-arménia. Proveniente de uma família ligada às artes, viveu em oito países diferentes. É professora aposentada do ensino superior, onde lecionou língua e literatura francesa comparada, bem como antropologia. Possui diversas formações em alfabetização, piano, hipnose clínica, psicoterapias breves, musicoterapia e psicodrama. Dedica-se ocasionalmente à performance teatral e à escrita. Publicou os livros *Sakarina* (EAUX PERDUES, França; FENDA, Portugal), *O Ó de Amoque* (AIOU, França; FENDA, Portugal) e *Cântico do crime*, escrito em parceria com Herberto Helder e

prefaciado pelo próprio (QUASI, 2007). Em 2019, concluiu o curso de formação profissional *Consciência do Ator*, do Teatro O Bando. Vive longe de cidades, vilas e aldeias. É sub-directora da Revista Flauta de Luz.



Juliana Boyko

Juliana Vargas Boyko (2004), natural do Algarve, iniciou o seu percurso artístico na CDA (Companhia de Dança do Algarve) em dança clássica, contemporânea e carácter, onde esteve em formação entre 2010 e 2021.

Entre 2021 e 2024 frequentou o Curso de Intérprete Ator/Atriz na Escola Secundária Tomás Cabreira, em Faro, tendo estagiado com Pedro Ramos, João Evaristo e Raquel Ançã. Atualmente, prossegue a sua formação na licenciatura em Teatro – ramo Atores, na ESTC (Escola Superior de Teatro e Cinema), em Lisboa.

Paralelamente ao percurso académico, participou em algumas formações nomeadamente, no curso intensivo CAC (Consciência do Ator em Cena), com João Brites, Juliana Pinho e Rita Brito, no Teatro O Bando.

A sua estreia profissional dá-se em 2025 com o espetáculo *A Última Baforada de CO2*, encenado por João de Brito, com a LAMA Teatro, seguido de *Requiem para uma Carrinha*, também sob a direção do mesmo encenador.



Juliana Pinho

Nascida em 1984, no distrito de Aveiro, iniciou o seu percurso teatral no movimento associativo e no teatro amador. Licenciou-se em Biologia e Geologia pela Universidade de Aveiro e, posteriormente, em Teatro – ramo de Interpretação, pela ESTC, em Lisboa. Frequentou ainda um ano do curso de Formação de Atores da Escola de Teatro Evoé. Entre 2013 e 2022, integrou a equipa do Teatro O Bando, onde desempenhou diversas funções – assistência de encenação, produção, formação de atores – tendo-se tornado cooperante artística em 2015 e membro da direção da cooperativa entre 2018 e 2022. Desde 2013, faz parte da equipa de formação do Teatro O Bando e, em 2023, assumiu a gestão da formação profissional para atores – *Consciência do Ator em Cena*. Como atriz cooperante do Teatro O Bando, tem desenvolvido projetos de criação com forte dimensão comunitária. Enquanto encenadora, destaca-se pelo trabalho em espetáculos dirigidos à infância e à juventude, em colaboração com diversas instituições nacionais e internacionais. Desde 2022, trabalha também como artista independente, colaborando e dirigindo projetos teatrais de cariz participativo, que promovem a criação e envolvimento ativo da comunidade, integrando participantes não profissionais em processos de cocriação artística que valorizam a diversidade de vivências e a construção coletiva num território comum, o Teatro.



Mariana Chaves

Licenciada em Canto Lírico na Escola Superior de Música de Lisboa, onde foi acompanhada pela professora Sílvia Mateus. Atualmente frequenta o mestrado em Ensino do Canto, na mesma instituição. Em 2022, foi vencedora do Concurso Setúbal Voz Para Jovens Cantores De Ópera e concluiu o 8.º grau no Conservatório Regional de Palmela, na classe de canto da professora Lucina Morais. É membro da Companhia de Ópera de Setúbal, tendo realizado um recital individual em janeiro de 2023, na Igreja do Convento de Jesus, fazendo parte dos elencos para o biénio 2023/2024 onde integrou o elenco principal de 4 óperas. Desde muito cedo, iniciou-se a cantar no coro da Casa do Povo de Corroios e integrou o Coro Juvenil de Lisboa em diversas produções de ópera, no Teatro Nacional de São Carlos.



Nicolas Brites

Nasceu em Bruxelas, mudou-se para Portugal pouco depois da Revolução de Abril. Frequentou o Liceu Francês Charles

Lepierre e a escola pública, explorando desde cedo o teatro, em especial no Teatro O Bando. Aos 18 anos, participou das oficinas da Junta de Freguesia de São João, que deram origem à Ofecena – Associação Cultural. Frequentou o curso de cinema do Instituto Franco-Português e colaborou tecnicamente com o Teatro O Bando, incluindo projetos como *A Festa*, de Madalena Victorino. Em 1996, trabalhou na TDM – Televisão de Macau. Ao longo da carreira, colaborou com diversos criadores e encenadores, dirigiu espetáculos, eventos ao ar livre, operetas e cantatas, e teve papel ativo no teatro universitário com o GTIST. Com o Teatro O Bando participou em criações como *Afonso Henriques*, *Balada de Garuma*, *Bichos*, *Alma Grande*, *Jerusalém* e *Pino do Verão*, sendo cooperante desde 1996. Entre 2001 e 2022 coordenou linhas da Confraria do Teatro O Bando e integra atualmente a direção do coletivo.



Ricardo Moniz

Natural de Cascais, Ricardo Moniz tem 18 anos. Iniciou a sua formação musical na Escola Artística do Instituto Gregoriano de Lisboa, sob orientação da professora Elsa Cortez, onde participou como solista em várias produções académicas, incluindo *Amahl and the Night Visitors* e *Poponel*, de Menotti, e excertos de óperas de Purcell. Prossegue os seus estudos na Escola Superior de Música de Lisboa. Como solista, atuou também no Concerto de

Natal da Orquestra Académica de Lisboa, realizado na Aula Magna, interpretando obras de Lili Boulanger e Gustav Holst. Integrou elencos em produções do OPERAFEST: *Pagliacci* (Leoncavallo) e *Cavalleria Rusticana* (Mascagni); do Festival de Ópera de Óbidos: *Don Giovanni* (Mozart) e *La Fille Du Régiment* (Donizetti); e na estreia absoluta de *Felizmente Há Luar* (Alexandre Delgado). Canta também em diversos ensembles vocais. Dedica-se ainda à direção coral, tendo preparado coros amadores para celebrações litúrgicas e eventos internacionais, como o Coro Diocesano do Jubileu 2025, apresentado em Barcelona, Turim e Roma.

de Lisboa (*Playing & Painting*) e para a presença no Festival de Improviso da Atouguia da Baleia. A sua prática caracteriza-se pela fusão de linguagens – teatro, dança, música e artes plásticas – num território de encontro e experimentação.



Tiago Mileu

Nasceu em Portalegre, e iniciou os estudos de piano nesta cidade aos oito anos. Apresentou-se a solo em lugares como o Centro Cultural de Belém, Casa da Música (Porto), Teatro Nacional de S. Carlos, Teatro Nacional D. Maria II, Palácio Nacional da Ajuda, Palácio Galveias, Museu Nacional da Música – com diversas transmissões de recitais, em direto e diferido, pela RTP Antena 2. Venceu diversos prémios em concursos internacionais em Portugal, Espanha, França e Polónia. Aperfeiçoou-se com mestres como Sequeira Costa, Dina Chevtchuk, Galina Eguiazarova, Alicia Dubrowski. Figurou em reportagens, entrevistas e notícias dadas pelos principais canais de televisão, rádio e imprensa. Colabora regularmente com diversos cantores e instrumentistas de renome.



São Matthias Nunes

É performer, atriz e artista plástica, licenciada em Artes Performativas e mestre em Artes Visuais Intermédia pela Universidade de Évora. O seu percurso cruza teatro, dança e performance, fruto de uma formação marcada pela transversalidade e pelo trabalho com criadores como Sofia Neuparth, Yael Karavan e Marc Tompkins. No teatro, trabalhou com encenadores como Miguel Borges, Dinarte Branco e Romeu Costa, além de desenvolver projetos autorais como *Ecos do Amor*, *Stabat Mater Dolorosa* e *Vozes Silenciadas*. O seu trabalho como performer tem reconhecimento nacional e internacional, com destaque para colaborações com o Grupo de Música Contemporânea



SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB

**FIQUE A PAR DE TODA A NOSSA PROGRAMAÇÃO
E ATIVIDADES EM PRIMEIRA MÃO!**



ccb.pt/newsletter

Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura
MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espectáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€
For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições
Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB
CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

TEXTOS Agustina Bessa-Luís

UMA INICIATIVA Mónica Baldaque e Comissão Organizadora do Centenário de Agustina
cocriação Teatro O Bando e Associação Setúbal Voz

ACESSORIA LITERÁRIA E DRAMATÚRGICA

Maria João Reynaud e João Luíz

DRAMATURGIA E ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO

Miguel Jesus

COMPOSIÇÃO E DIREÇÃO MUSICAL Jorge Salgueiro

ENCENAÇÃO, DRAMATOLOGIA E CENOGRAFIA

João Brites

COREOGRAFIA E CORPORALIDADE Iolanda Rodrigues

CONCEÇÃO E EXECUÇÃO DE FIGURINOS E ADEREÇOS

Catarina Fernandes

DIREÇÃO DE MONTAGEM E CENOGRAFIA

João Brites e Dora Sales

DESENHO DE LUZ João Cachulo

DESENHO E OPERAÇÃO DE SOM Miguel Lima

ATORES Bibi Gomes, Joelle Ghazarian,
Juliana Boyko, Juliana Pinho, Nicolas Brites
e São Nunes

CANTORES Constança Melo, Diogo Oliveira,
Helena de Castro, Mariana Chaves e

Ricardo Moniz

PIANISTA Tiago Mileu

E AINDA Alice Figueiredo, Ana Isabel Arinto,
Catarina Fernandes, Diogo Rocha, Dora Sales,
Fabian Bravo, Inês Gregório, João Brites, João
Neca, Jorge Salgueiro, Lucia Rus, Maria Taborda,
Rita Brito, Miguel Jesus, Miguel Lima, Paula
Flamino, Pedro Guimarães e Raquel Belchior
Coro Setúbal Voz Adalberto Petinga, Alexandre
Duarte, Alexandre Miguel, Ana Arruda, Ana
Paula Rosa, Célia Inês, Dina Alves, Isabel Duarte,
Jéssica Rowley, João Carvalho, José Raposo,
Laura Nelson, Luís Torres, Madalena Roque,
Mário Canteiro, Miká Nunes, Mónica Brito,
Néu Luís Miguel, Sérgio Mariotti, Paula Coelho,
Regina Dinis, Rosário Rei, Vicente Mostra e
Teresa Barreto

criação DO MÓDULO CENOGRÁFICO Rui Francisco

ASSISTÊNCIA E EXECUÇÃO DE FIGURINOS

Inês Correia e Maria Luís

ASSISTÊNCIA DE ADEREÇOS Maria Dinis

APOIO A FIGURINOS E ADEREÇOS Joana Martins

OPERAÇÃO DE LUZ Pedro Guimarães

APOIO À MONTAGEM DE SOM Ana Luísa Novais e

João Chicó

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO Miguel Jesus

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO Inês Gregório

MONTAGEM Diogo Rocha, Dora Sales,
Fabian Bravo, Gonçalo Poeiras, Vítor Santos
e Fátima Santos

COMUNICAÇÃO Maria Taborda, Maria Madalena
e Miguel Conceição

COZINHA Lucia Rus, Isabel Pereira e Patrícia Rus

FOTOGRAFIA Maria Madalena e Rita Santana

REGISTO VÍDEO Maria Madalena e Miguel Mares

CONSTRUÇÃO SERRALHARIA JSVC Decor

COPRODUÇÃO Centro Cultural de Belém,

Teatro Nacional São João, Fórum Municipal

Luísa Todi, ASMAV – Associação de Socorros

Mútuos Artística Vimaranesense e Centro Cultural
Vila-Flor

TEATRO O BANDO

DIREÇÃO DA COOPERATIVA

João Neca, Nicolas Brites e Raquel Belchior

equipa fixa João Brites, Fátima Santos,

João Neca, Rita Brito, Inês Gregório,

Paula Flamino, Lucia Rus, Maria Taborda,
Fabian Bravo, Raquel Belchior, Nicolas Brites,
Juliana Pinho, Jesús Manuel, Miguel Conceição,

Diogo Rocha equipa móvel Clara Bento,

Dora Sales, Isabel Atalaia, Isabel Castan,

Jorge Luís, Lima Ramos, Miguel Jesus, Miguel

Lima, Miguel Mares, Raul Atalaia, Rita Santana,

Rosa Brites, Susana Mateus e Vítor Santos

COOPERANTES Antónia Terrinha, Bibi Gomes,

Clara Bento, Dora Sales, Fabian Bravo, Fátima

Santos, Gonçalo Amorim, Guilherme Noronha,

Inês Gregório, Isabel Atalaia, João Brites, João

Neca, Jorge Salgueiro, Juliana Pinho, Lima

Ramos, Maria Taborda, Nicolas Brites, Paula Só,

Raquel Belchior, Raul Atalaia, Rita Brito,

Rosa Brites, Rui Francisco, Susana Mateus e

Suzana Branco

ASSOCIAÇÃO SETÚBAL VOZ

DIRETOR ARTÍSTICO E MAESTRO TITULAR Jorge Salgueiro

CORPORALIDADE E COREOGRAFIA Iolanda Rodrigues

IMAGEM E COMUNICAÇÃO Maria Madalena

PRODUÇÃO Alexandre Machado

PIANISTAS Eduardo Jordão e Tiago Mileu

CANTORES Constança Melo, Diogo Oliveira,

Helena de Castro, João Merino e Mariana Chaves

ÓRGÃOS SOCIAIS Adalberto Petinga, Anaisa Rato,

Filomena Murtinheira, Fátima Brito, Giovanni

Licciardello, Isabel Costa, João Carvalho, João

Oliveira, José Raposo, José Saraiva, Néu Silva,

Paula Coelho e Salomé Cunha

APOIO INSTITUCIONAL

PARCEIRO MEDIA

PARCEIRO DE IMAGEM
E MULTIMÉDIA

APOIO INSTITUCIONAL AO PROGRAMA
DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUDITA

PARCEIRO PARA A
SUSTENTABILIDADE

